

OS PERSAS E AS TROIANAS: TEATRO, GÊNERO, POLÍTICA E GUERRA NA ATENAS DO SÉCULO V AEC

THALIS FIGUEIREDO SARTORIO¹; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – thalis.sartorio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fvergara@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

No século V AEC, a *pólis* ateniense, presenciou e atuou na construção de uma organização político-cultural que ecoaria por séculos, sendo como bases para formações modernas de governos, a democracia. Para o ateniense, a compreensão do termo estaria ligado a isonomia — ou seja, igualdade perante a todos cidadãos da *pólis* — e a tragédia, ocupa o espaço de instituição paidêutica — educativa — da formação cívica do cidadão ateniense (CARTLEDGE, 1997).

As tragédias elegidas abordam a temática da guerra — em *Os Persas* (472 AEC) de Ésquilo, o tragediógrafo utiliza-se do fato histórico que foi a Guerra Greco-Pérsica, que teve seu término anos antes da encenação, e *As Troianas* (415 AEC) de Eurípedes, que foi encenada durante a Guerra do Peloponeso. As tragédias áticas são produções do século V AEC e de uma sociedade ateniense que produziu uma experiência de existência que buscava levar ao centro, como Gonçalves (2017) estabelece, com fins de distanciar o poder e deixar em espaço comum aos integrantes do grupo. Com Grimal (1978, p. 45), vê-se que a “tragédia grega põe em cena, sob forma de ‘drama’”, em o sentido de “ação”, aquilo que já era conhecido, as lendas heroicas que aos “gregos, eram história”. E continua com “esta história estava sempre em relação directa ou indirecta com a cidade onde se representava a tragédia, que era um espetáculo com interesse para colectividade dos cidadãos. A tragédia apresentava frequentemente um aspecto político, mesmo quando o seu tema parece dizer respeito a outras cidades” (GRIMAL, 1978, p.46). Tendo em vista, conforme Gonçalves (2017, p.134) “As cerimônias que precediam as peças em conjunto demonstram a natureza política da ocasião”, já que era espaço também mostrava o poderio da cidade-Estado e nesse processo que encontrava planos externos a encenação e internos, de cunho político.

No entanto, apresenta tensões nessa relação de divino e humano. “Tensões entre o mito e as formas de pensamento próprias da cidade, conflitos no homem, o mundo dos valores, o universo dos deuses, o carácter ambíguo e o equívoco da língua — todos esses traços marcam profundamente a tragédia grega” sintetiza Jean-Pierre Vernant (1977, p.27), como formas importantes de compreender a tragédia grega para com o ateniense. Mas, nesse ponto, retomando o carácter político que se revela por trás do mito encenado, a tragédia grega tem uma função na estrutura da *pólis* isonômica ateniense paidêutica, ou seja, educativa. Como Gonçalves (2017, p.135-6) estabelece que “A tragédia é política no sentido em que em comum com todas as outras instituições da Atenas democrática ensina, a sua própria maneira, isto é, a educação era política e nessa forma a *pólis* também era educativa.” (GONÇALVES, 2017, p.135-6).

Para falar-se de Gênero, destaca-se as palavras de Joan Scott: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, p.86) e assim, concebendo a sociedade grega ateniense “generificada”, e seu estudo aplicado a perspectiva de gênero apresenta-se como “chave” interpretativa

A partir dos elementos cruciais que incorporam a tragédia grega como parte da formação cívica ateniense, e frente a vê-se uma constituição “generificada” na

sociedade grega, é de grande valor incorporar-se a conceito de gênero para análise na pesquisa sobre a antiguidade.

Ao passo que as relações entre a cidade de Atenas, no século V AEC, o espaço da tragédia na formação cívica do cidadão grego e a conceito de gênero interseccionam-se, elabora-se a seguinte questão: Como que as representações da guerra por olhares do feminino e do masculino, nas tragédias gregas, deflagram o alvorecer e o crepúsculo da hegemonia de Atenas entre as cidades-estados gregas?

2. METODOLOGIA

A metodologia empregada para estudo das tragédias é a Análise de Discurso. Segundo Silva e Araújo (2017) vão definir que a Análise de Discurso é de natureza “qualitativo--interpretativista, que estuda o objeto de investigação em seu contexto natural na tentativa de dar sentido aos fenômenos levando em conta os significados que as pessoas lhe atribuem” (SILVA; ARAÚJO; 2017, p. 20). Dessa forma, os autores vão conceber que não é realizada uma leitura horizontal, que não é uma análise meramente da gramática e da palavra, mas que “realiza--se uma apreciação em profundidade, que é possibilitada pela descrição interpretação em que se examina, por exemplo, posições--sujeito assumidas, imagens e lugares estabelecidos a partir de regularidades discursivas demonstradas nas materialidades.” (SILVA; ARAÚJO; 2017, p. 20). Desta forma, o texto compreendido não é lido por sua extensão, mas é compreendido além das palavras, por meio das imagens, das ideologias e das relações históricas intrincadas.

Tendo em vista os contextos históricos para formação de sentido, é preciso pensar que “categoria das condições de produção, que devem ser levadas em consideração, uma vez que tratam de localizar os discursos em seu contexto, e dessa forma se propõem a entender o que é dito, quem o diz, por que o diz, para quem diz, como diz, de que ponto histórico, cultural e social diz e com quais objetivos o faz.” (SILVA; ARAÚJO; 2017, p. 24). Nessa perspectiva, os autores prosseguem “é possível perceber a inexistência de uma verdade, uma vez que determinado contexto de produção permitirá a circulação de determinados discursos, e esses discursos serão tomados como verdade” (SILVA; ARAÚJO; 2017, p. 24). A partir das questões trazidas pelos autores, que buscam compreender como os discursos são produzidos a partir de um tempo e espaço determinados, como também por meio de outros aspectos, como políticos, culturais e ideológicos e que dessa forma são concebidos discursos acerca dos sujeitos circunscritos em determinada temporalidade, que imbrincada a outros fatores produz “verdades”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se em andamento. Dessa forma, destaca-se o estudo das tragédias gregas no seu contexto no século V AEC e as guerras impulsionam a cidade de Atenas naquele período. Com isso, a análise de Gênero como estabelecido por Joan Scott (1995) historiciza questões tidas como “naturais” na sociedade e busca compreender a formação de tais conformações de gênero nos períodos históricos elegidos.

Na tragédia de Ésquilo, *Os Persas*, os acontecimentos recentes da Guerra Greco-Pérsica são levados ao palco e o imperador persa, Xerxes, é representado junto a sua mãe, os anciões da cidade e o mensageiro que retorna para relatar os

acontecimentos da guerra. Nessa tragédia de Ésquilo, a cidade de Atenas e os gregos são evocados, já que na construção do outro, Ésquilo traz ao palco uma ideia de atenienses que são apresentados pelas falas dos persas.

Os *Persas* de Ésquilo é encenado em 472 AEC, após o término da Guerra e nessa primeira parte do século V. Já *As Troianas* de Eurípedes, tem sua encenação em 415 AEC, durante a Guerra do Peloponeso e se configura na parte final deste século e como Paul Cartledge (1997) aponta tanto o teatro, como a forma isonômica de governo ateniense estão se alterando ao ponto que o próximo século já na apresenta tal estrutura na qual a tragédia se estabelecia como instituição paidêutica/educativa para essa sociedade. N' *As Troianas*, Eurípedes põe em cena a parte final da Guerra de Tróia, o saque da cidade e o sorteio das mulheres de Tróia. É nesse momento da guerra que o retrato do feminino se apresenta e que nos possibilita estudar gênero e guerra, sendo que por cima é possível identificar na segunda peça a dor, o sofrimento, representados pelo feminino e na tragédia d' *Os Persas*, a vitória sendo exaltada com o exército ateniense que saiu vitorioso do conflito.

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho está em andamento. Dessa forma, reflete-se que estudo da Antiguidade nos auxilia a refletir questões concernentes a nossa democracia, já que a forma isonômica de governo no século V AEC que foi incorporada nas modernas formas de governos. São reflexões, questionamentos que ao passo que possibilita trazer novos olhares a discussão sobre o passado grego, nos encaminha a também pensar nosso presente e a democracia instaurada no Brasil. Pensar o gênero e como se estabelecia na Antiguidade ateniense, é muito importante, pensando masculino, feminino, como se apresentava, visto que o gênero traz essa forma de análise das articulações, e relações que performam os seres humanos no tempo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARTLEDGE, Paul; 'Deep plays': theatre as process in Greek civic life. In: EASTERLING, P.E. (org.). *The Cambridge Companion to Greek Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 3-35.
- GONÇALVES, Jussemair Weiss, CONVIVÊNCIA ISONOMICA E TRAGÉDIA. In: SANTOS, Amanda; VARGAS, Jonas; LEAL, Elisabete. *Fronteiras e Identidades: reunião de artigos do III EIFI*. Pelotas: Edição do Autor, 2017, p. 127-138.
- GRIMAL, Pierre. A Tragédia Grega Clássica. In: GRIMAL, Pierre. *O Teatro Grego*. Lisboa: Edições 70, 2002. p. 41- 51.
- SCOTT, Joan . "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- SILVA, Jonathan Chasko da; ARAÚJO, Alcemar Dionet de. A metodologia de pesquisa em análise do discurso. *Grau Zero—Revista de Crítica Cultural*, v. 5, n. 1, p. 17-32, 2017.

- VERNANT, Jean-Pierre. Tensões e Ambiguidades na Tragédia Grega. In: VERNANT, Jean-Pierre. Mito e Tragédia na Grécia Antiga. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 17- 34.
- VERNANT, Jean-Pierre. The God of Tragic Fiction. In: VERNANT, Jean-Pierre. Myth and Tragedy in Ancient Greece. Nova York: Zone Books, 1996. p. 181-182.
- VIEIRA, Trajano. Os Persas, de Ésquilo. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- WERNER, Christian. Eurípides: duas tragédias gregas. Hécuba e Troianas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.